

O Jornalismo de outrora no Amazonas –1939: Um ensaio de curiosidades*



Raul de Azevedo**

Não vou contar a história minuciosa do jornalismo amazonense. Longe de mim tal pretensão. Faltavam-me dados completos, tempo e vocação para essas adoráveis velharias. E depois não sou precisamente um arqueólogo...

A idéia desta página simples veio de uma exposição que um dia visitei. O meu pranteado amigo Coronel João Baptista de Faria e Souza – um homem que teve a monomania de colecionar gazetas e revistas do Amazonas, do Brasil, que era de uma paciência evangélica, e que eu tive o prazer de ter ao meu lado nas redações do inesquecível “Diário de Notícias”, do “Commercio do Amazonas”, do “Rio Negro”, de “O Globo”, do “Amazonas”, da “A Federação” – quis comemorar a data de 13 de maio de 1907, que relembra o 99º aniversário da fundação do primeiro jornal brasileiro. E assim fez uma exposição interessante de todos os jornais das terras dos Barés e dos Manaus.

Quem, como eu, foi sempre, bem ou mal, um apaixonado da folha impressa, e já aos 18 anos dirigia e fazia a “Gazeta Postal” – o jornal menos postal que tem aparecido no mundo e em cujas páginas brilhava o talento jaceirado de intelectuais do Pará, Ceará e Pernambuco – havia de rever, como revi, cheio de um largo prazer e de uma intensa saudade, todas essas gazetas de outrora, principalmente onde há também muito de minha vida ...

A paixão do jornal! Ela é intensa e forte, como o vício do álcool, do jogo e do fumo. Pessimistas acrescentariam – e da mulher. A gente passando pela

* Transcrito de A Tarde, de 19 de fevereiro de 1939.

** Do P.E.N. Club e da Academia Amazonense de Letras



imprensa, nunca mais – como o corvo de Edgar Poe – poderá esquecê-las. Ficase jungido a ela. As vitórias, as polêmicas e parece que as injustiças e as calúnias... nos prendem mais. E com que júbilo saboreamos um êxito, mesmo quando ele vem depois de lutas, injustiças e reveses!

A minha primeira alegria na imprensa...

A primeira e a maior. Recordo-me bem, como se fosse ontem. Eu estava nos meus dezoito anos – há quantos anos? – e até então apenas escrevera na minha pequena gazeta. Acariciava então nos meus sonhos de moço uma idéia para mim irrealizável... “A Província do Pará” era naquela época o empório intelectual do Norte. O acesso às suas colunas era difícilimo e eu nem sonhara tal fantasia. Quase criança, conhecendo apenas de cumprimento de rua o Senador Antonio Lemos, seu diretor, temível e exigente, nunca tivera tal veleidade. Mas todos sabem que a mocidade é petulante! – aproximava-se o aniversário da “Província do Pará” e, na véspera, com uma carta de duas linhas, enviava um artigo para esse ternamente moço e que nós chamávamos o “velho Lemos”.

E no dia seguinte, manhã ainda, estava desperto e ávido pela gazeta. Quando recebi o jornal, sôfrego, lancei a vista sobre a folha. Era um número lindo, bem feito, elegante. E lá estava, abrindo a primeira coluna da segunda página, o meu ensaio sobre os Goncourt – modesta colaboração intelectual naquelas páginas de intelectuais. E nas oito páginas cheias, a colaboração de Arthur Lemos, João Marques de Carvalho, Bertino de Miranda, João Lúcio de Azevedo, Paulino e Heliodoro de Brito, Licínio Silva, Frederico Rhossard ...

Que alegria intensa! Depois os jornalistas, os meus dias de vitória. Fundei, no Amazonas, três grandes jornais diários, chefei a redação de cinco, tive lutas, combates, algumas tentativas de assassinato, colaborei em grandes jornais e revistas – mas guardo desse dia de contentamento sincero uma indefinível recordação.

Nós éramos assim, como diria o Eça, e eu tinha 18 anos. Saudades...



II

E as saudades fizeram quase esquecer o motivo desta página. Aqueles que na vida têm uma lembrança igual perdoarão de certo a minha digressão. Passou para mim a época das veleidades. Não mais fantasias, não mais ilusões.

Mas, é preciso justificar o título destas linhas ligeiras. A coleção João Baptista era excelente e completa. Nela figuravam todos os jornais, revistas, boletins etc., que apareceram no Amazonas, e muitas no Brasil.

Manaus teve a sua primeira gazeta em 10 de janeiro de 1866. Era uma folha pequena de quatro páginas, mas impressa, e de que foi proprietário Manoel da Silva Ramos, falecido em 1860. A folha continuou. Notícias comerciais, anúncios e pouco mais.

Só quem tem o amor do jornal é que pode avaliar aquele dia delicioso que passei revendo toda a papelada. Era a história inteira do Amazonas político e social. Era o seu progresso acentuado dia a dia. Era também uma parte da minha vida – anos de jornalismo, na brecha. Caluniado, muita vez insultado, na refrega das paixões, mas sempre e sempre querendo bem e amando o jornal, na vitória e nos reveses.

O leitor apaixonado de velharias encontrará, em seguida, a nota pelos anos e com os nomes de todos os jornais que têm aparecido no Amazonas, desde o primeiro ao último, dos antigos:

1852 - “Estrella do Amazonas”

1861 - “O Catechista”

1863 - “O Progressista”

1866 - “O Amazonas”

1867 - “Jornal do Rio Negro”

1869 - “Diario Official”, “Commercio do Amazonas” e “Jornal do Norte”

1870 - “Echo” e “Argos”

1871 - “Reforma Liberal”

1872 - “Boletim Official”

1873 - “Diário do Amazonas”, “Futuro” e “Colibry”



- 1874 - “Rio Negro”. “Actualidades” e “Baderna”
- 1875 - “Jornal do Amazonas”
- 1876 - “Revista do Amazonas”
- 1877 - “O Rio Mar” e “Correio do Norte”
- 1878 - “Monitor do Norte”, “A Província”, “A Democracia” e o “Echo Militar”
- 1879 - “Ajuricaba” e “Tribuna Amazonica”
- 1880 - “Censor”, “O Censor dos Censores”, “Cinco de Setembro” e “Palmatoria”
- 1881 - “Voz do Povo” e “Correio de Manaus”
- 1882 - “Apollo” (manuscrito) e “Palestra”
- 1884 - “Amazonia”, “Abolicionista do Amazonas” e “O Aristarcho”
- 1885 - “A Província”, “Gazeta de Manaus” e “Correio da Manhã”
- 1886 - “Rio Branco”, “O Paiz” e “Gazeta de Manaus”
- 1887 - “Jornal do Commercio”, “Manaus”, “Echo do Norte”, “O Artista” e “A Província”
- 1888 - “O Mantenedor”, “Evolução”, “Echo dos Andes”, “O Norte do Brasil”, “Cidade de Manaus”, “O Cometa” e “Constituição”
- 1889 - “Luz da Verdade”, “Bem Publico”, “O Seculo” e “A Ephoca”
- 1890 - “Tribuna do Povo”, “Diario de Manaus”, “Indice do Commercio”, “Novo Dia”, “Jornal do Commercio” e “Phalena”
- 1891 - “Guttemberg”
- 1892 - “Estado do Amazonas”, “O Vulcão”, “Operario” e “A Borboleta”
- 1893 - “Jornal do Commercio”, “Diario de Noticias”, “Correio da Manhã” e Diário Oficial”
- 1894 - “A República”
- 1895 - “Amazonas Commercial”, “Volutas” e “O Judas”
- 1897 - “O Imparcial”, “O Rio Negro”, “Victoria Regia”, “Pingarilho”, “O Taruman” e “A Folha de Manaus”



1899 - “Manaus”, “O Anunciador Commercial”, “Diario de Noticias”, “O Rio Mar”, “O Indio”, “A Tesoura”, “O Buscapé”, “A Platéa”, “O Monoculo”, “O Propagador”, “O Pão”, “O Papagaio” e “Pátria”

1900 - “O Lusitano”, “Novidades”, “O Barés”, “O Plebeu”, “A Escola”, “O Guarany” e “O Foguete”.

1901 - “Mensagem”, “La Voz de España”, “El Espanol”, “Amazonense”, “A Mascara”, “O Debate”, “A Noticia”, “O Braz Cubas”, “O Globo”, “O Poeta”, “Revista Theatral”, “O Corsario”, “O Mercurio”, “O Triumpho”, “O Leque”, “O Figaro”, “O Monitor”, “O Lyrico”, “O Mocoense”, “L’Italiano” e “Rio Mar”

1902 - “Centro Espanhol”, “O Brasil”, “O Norte”, “Quo Vadis”, “O Palito”, “O Jornalzinho”, “O Cravo”, “O Charuto”, “O Namoro”, “A Mutuca”, “La Union”, “O Arara”, “O Grillo”, “O Monitor”, “El Espanol”, “O Pensador”, “O Nu”, “O Reclamo” e “O Evangelista”

1904 - “Jornal do Commercio”, “A Gazetinha”, “A Actualidade”, “O Luso”, “A Escova”, “Letras e Artes”, “O Evolucionista” e “O Barulho”

1905 - “O Ideal”, “O Guia”, “A Troça”, “O Holophote”, “O Terrivel”, “O Mikado”, “Liga Literaria”, “O 6 de Agosto”, “Evangelizador”, “Ideal Club”, “A Semana” e “Revista Theatral”

1906 - “Correio do Norte”, “O Theatro”, “O Bonde”, “Pontos nos iis”, “O Brasil”, “Correio da Noite”, “Evolução” e “Revista Amazonense”.

1907 (até junho) - “O Gymnasio”, “Archivo Amazonense”, “O Nucleo”, “A Ordem”, “The anti tropical jornal”, “O Meio” e “A Platléa”.

Em 53 anos de imprensa, 181 jornais e revistas.

De 1907 a 1936, quatro dezenas de jornais e revistas, alguns dirigidos por mim, em quase todos colaborando.

Desnecessário será dizer que algumas dessas gazetas tiveram vida efêmera.

Na coleção João Baptista figuravam também os jornais do interior. A imprensa, dentro do Amazonas, e fora de Manaus, sempre foi pobre. No

Humaitá, em 1892, [quando] apareceu o primeiro número do “Humaytaense”, “O Sino”, da mesma cidade, terminou.

Na Lábrea, em 1885, o “Purus”, e em 1897, o “Correio do Purus”.

Em Manicoré, o “Rio Madeira” e “O Manicoré” - ambos desapareceram.

Em Itacoatiara, morreram “Município” e “O Itacoatiara”; parece que ainda vive o “Arauto”.

Acabou, em Parintins, “O Tacape”, assim como em São Joaquim (Rio Negro), “O Triunpho”.

O município de Manacapuru possuiu o seu jornalzinho “A Tribuna”. Teve a sorte dos seus colegas do interior ...

Em Capatará, na foz do Acre, houve uma gazetinha, “O Acre”, tudo dentro daquela época.

Uma nota interessante, a respeito do jornalismo no interior – em Manicoré, a 18 de março de 1901, iniciou a sua publicação uma gazetinha, “A Paz”. Era feita, escrita, composta, impressão etc., por um menino Ignacio de Azevedo. Era uma folha pequena, de alguns centímetros. Em 1904, o proprietário redator mudou-se para Manaus e aí fez reaparecer “A Paz”, ano II, aumentando o formato do curioso periódico...

III

Manaus tem tido resumido número de revistas, que logo desapareceram. De 12 de dezembro de 1899 a 7 de abril de 1901, houve a “Revista do Norte”. Em 1891, “A Escola”. Em 1904, a “Neomatia”, de Manoel de Bittencourt. Em 1901 o “Boletim Commercial”. Em 1896 a “Revista Medica”, que foi pena desaparecer. Em 1908, “Alpha”. Em 1907 “O Labaro”.

Depois, a “Revista Amazonense”, fundada em janeiro de 1896, do Professor Octavio Pires, dedicada à instrução pública e subvencionada pelo Governo do Estado; o “Archivo Amazonense” (1907), diretor Bento Aranha,



para registro de documentos históricos e publicado pelo Governo; “A Ordem” (1907), revista maçônica.

De jornais diários, lembro-me do velho “Amazonas”, “Jornal do Commercio” e “Diario Official”. O primeiro era órgão do Partido Republicano Federal, que aliás em certo momento era o único partido no Amazonas. Ou melhor, não era um partido, era um inteiro...

Publicava-se mais – “La Union”, órgão da colônia peruana; o “Evangelizador”, órgão batista; “A Semana”, folha humorística de Th. Vaz e onde, na sua primeira fase, colaborei assiduamente, e a “Platéa”, dedicada a coisas teatrais, de minha direção e de Luiz Rodolpho Cavalcante de Albuquerque, um belo espírito.

Jornal literário, nenhum. Tivemos, outrora, “O Cravo”, “O Lyrio”, “O Poeta”, “A Phalena”, de duração rápida. Agora há a “Revista da Academia de Letras” e a “Cabocla”, revista ilustrada.

Gazetinhas pequenas e – como direi? – de linguagem viperina, havia “O Barulho” e o “Leque”. Parece que era só... Apareceram outras, antes, “O Buscapé”, “O Palito”, “A Mutuca”, “O Judas”, “O Censor dos Censores”, “O Censor”, “O Baderna” etc. Desapareceram logo.

Manaus ainda teve um jornal caricato. Apenas alguns calungas, como “O Bonde”, “Os pontos nos ii”, etc. Apareceram poucos números para logo morrerem.

Jornais manuscritos, vi dois na interessante exposição - “Apollo”, de 1882, escrito por João Baptista e Brito Inglez, estudantes, e “O Estandarte”, do mesmo ano, de Marcio Nery (depois uma notabilidade médica), Simplício de Lemos de Braule Pinto e Augusto Celso Menezes.

Em 1900 a capital amazonense saboreou dois casos que não deixaram de ser interessantes – o aparecimento de dois jornais diários, de grande formato, com um programa vastíssimo, – “O Luzitano” e o “Novidades”. Este último era

do grande jornalista meu amigo José Maria dos Santos. Pois, quer o “Novidades”, quer o Luzitano”, deram apenas um número cada um ...

Como este é um ensaio de curiosidades, registremos outras. “A Republica”, antecessora da “Federação”, foi o primeiro jornal amazonense que deu edição litografada. Foi a 18 de setembro de 1891 e apareceu com o retrato do doutor Eduardo Gonçalves Ribeiro, o “Pensador”. O serviço material foi feito no Pará, na Casa Wiegandt. Antes, eram fotografias coladas na gazeta.

O “Commercio do Amazonas” foi o primeiro jornal que deu *clichés* com retratos de personagens célebres e ... desconhecidas, do Brasil e do estrangeiro, e vistas de cidades.

O Brasil foi o país das poliantéias. Elas já se tornavam uma calamidade nacional. O Amazonas não escapou à lei geral. As primeiras foram sempre em homenagem às grandes datas nacionais e portuguesas. Depois vieram poliantéias dos homens, dos políticos. Naquela exposição havia inúmeras. Tomei notas das que traziam retratos, alguns feitos pelo xilógrafo Niceforo, que por muito tempo trabalhou no “Commercio do Amazonas” e que, sem estudos, era entretanto de uma rara habilidade: ao Barão do Juruá, ao Dr. Eduardo Ribeiro, uma em 1892 do “Estado do Amazonas” com a fotografia colada dos deportados de Tabatinga e Rio Branco, ao Marechal Floriano Peixoto, Coronel José Ramalho, Coronel Ferreira Penna, Tenreiro Aranha (fundador da província), do saudoso senador Dr. Silvério Nery, Emílio Moreira, do pranteado militar e governador general Dr. Fileto Pires Ferreira, Rocha dos Santos, Adolpho Lisboa, com retrato a cores, impresso o “cliché” na tipografia do Regimento Militar do Estado, Dr. Serzedelo Correa quando visitou o Amazonas em 1896, homenagem da colônia paraense, governador Dr. A. Constantino Nery, maestro Adelelmo do Nascimento, tipógrafo e poeta Quintino Amazonas, Coronel Caetano Monteiro etc.

O maior número de poliantéias era dedicado ao grande amazonense, governador Dr. Silvério José Nery, então chefe do partido situacionista no Amazonas.



Nessa exposição figurava o “Amazonas”, cujo primeiro número apareceu em 9 de julho de 1886, e que sucedeu à “Estrella do Amazonas”. Tinha três colunas, quatro páginas, e saía uma vez por semana. Era seu proprietário Antonio Cunha Mendes e, na monarquia, sempre foi o órgão liberal. Lá estava a coleção completa desse jornal. Em todas as suas fases.

“O Jornal do Amazonas” nasceu a 8 de abril de 1875. Era o adversário do “Amazonas” e órgão conservador. Fundou-o Ernesto Rodrigues Vieira. Acabou em 1890, tendo como proprietário e redator João Baptista, que foi o dono da coleção.

Há também coleção completa nas suas múltiplas fases do “Commercio do Amazonas” fundado por Gregório José de Moraes a 15 de agosto de 1889. Esse jornalista era pai do Dr. Jorge de Moraes, depois deputado federal e senador por esse Estado. Interrompeu a sua publicação em 1905.

Em 1869 tivemos o primeiro “Diario Official”, que durou pouco tempo, assim como o “Boletim Official”, em 1872.

A “Reforma Liberal” durou de 1881 a 1891, e era o órgão da dissidência do partido liberal.

O “Rio Mar” do Dr. Brito Inglez, de quando em quando aparecia, escrito em diversas línguas....

Havia outras curiosidades nessa coleção paciente. Exemplificando: um número do “The Times”, de Londres, de 9 de novembro de 1805. Era de formato pequeno com quatro páginas e tinha mais de 100 anos. Um outro número, do primeiro ano, do Jornal do Commercio.

E ainda vi nesse turbilhão de papéis espalhados – revistas e gazetas de outros Estados, velhas conhecidas minhas onde colaborei. “A Província do Pará” e a “Republica”, de Belém, “Jornal do Commercio”, do Rio (deste fui também no Amazonas correspondente quatro anos), e “A Renascença”, do Rio de Janeiro, “Revista Contemporanea”, de Pernambuco, a “Folha Nova”, jornal paulista do meu grande e saudoso amigo Garcia Redondo; “O Pagão”, órgão

da Padaria Espiritual do Ceará, a que pertenci, etc., fora muitos e muitos jornais amazonenses.

Mas este capítulo já vai longe. É preciso terminar.

IV

Já que este ensaio começou com algumas lembranças, que conclua também com recordações pessoais.

Em 1895, chegava ao Amazonas. Trabalhava então na redação da “A Província do Pará”, na crônica, no artigo literário, na notícia. Dois dias depois de chegar a Manaus assumia a chefia do “Amazonas Commercial”, jornal do meu pranteado amigo o Coronel Caetano Monteiro da Silva, no momento figura de grande projeção comercial.

Fora de Belém para dirigir esse jornal. O meio era desconhecido para mim, e a imprensa era ali, naquela época, por assim dizer, essencialmente política. Limitava-se à notícia ligeira, simples; o telégrafo não existia, e o resto eram artigos pesados, de uma virulência de linguagem extraordinária, salvo as clássicas exceções... Dir-se-ia que alguns jornalistas ou tinham prazer em sacrificar a vida, ou estavam certos da impunidade.

Fiz um jornal diverso. Convidado para assumir a direção do “Amazonas Commercial”, fiquei na dúvida se teria elementos para fazer uma boa gazeta... Mas, felizmente, encontrei no seu proprietário um espírito inteligente e apaixonado pelo Amazonas. Com ampla liberdade de agir, a minha folha tornou-se exclusivamente comercial e literária, coisas que parecem, mas não são antagônicas... J. J. da Câmara, na gerência, muito me auxiliou. Hoje ele é grande proprietário.

Em política, apenas doutrinava. Nunca me imiscuí na politicagem estreita do palavreado garoto. E o “Amazonas Commercial”, transformado até materialmente, triunfou. Deixei-o quando, ao ser iniciado o governo Fileto Pires,



fui convidado para assumir as funções de Secretário do Estado. Não podia mais dirigir imparcialmente um jornal que era politicamente imparcial...

Nessa exposição vi todos os jornais amazonenses onde tinha trabalhado. A “A Federação”, outrora órgão do partido Republicano Federal e de que fui redator em duas épocas diversas – uma no governo Fileto Pires, com Justiniano de Serpa, Joaquim Ribeiro Gonçalves, Joaquim Belmont, e outra no governo Silverio Nery, com Annibal Mascarenhas, Julio Nogueira, Th. Vaz, Silva Ferraz, Carlos Dias Fernandes e outros.

Depois, o “Commercio do Amazonas”, de que também fui redator duas vezes, uma com Rocha dos Santos, outra com o Dr. Pereira Teixeira, depois deputado federal. Na primeira fase tive como colaborador assíduo João Baptista.

“O Commercio” era um jornal feito e querido do público. Nele, quando estive no Amazonas, colaborou Claudio de Souza, hoje acadêmico notável. Foi, como já disse, a gazeta que introduziu nas suas páginas o “clichê”. Diariamente, num calunga... E por falar em clichês, deram-se casos interessantes. Duma feita saíra do teatro para o jornal. Meia noite. Fazendo as efemérides, encontrei o nome de Taunay. Disse a Rocha dos Santos, que dormitava numa cadeira:

– O’ Rocha! Amanhã é o aniversário do visconde de Taunay. Temos clichê?

– Sim, vou buscá-lo. Prepara o artigo.

Preparei o artigo. O Rocha, daí a minutos, trazia um clichê, é – é este. Ora, eu nunca tinha visto o Taunay... E no *Commercio do Amazonas* no dia seguinte saiu um retrato de um sujeito muito alto, muito magro, muito barbado, e com uma cartola comprida e tragicamente fúnebre. Houve na cidade uma indignação entre os conhecidos do autor de “Inocência”. Aquele nunca tinha sido o Taunay! Era um capitalista inédito de Vizeu, – pois o Rocha arrematava, por peso, os clichês dos jornais ilustrados de Portugal, gênero “Mala da Europa”.

E como este, muitos e muitos casos curiosos, de que ficávamos indignados no momento para depois rirmos a bom rir...



Vi as coleções de dois grandes jornais diários que fundei e de que fui diretor – *O Rio Negro*, com o Dr. Justiniano de Serpa, depois deputado federal pelo Pará, e com a colaboração assídua, entre outras, de Silvério Nery, Bertino de Miranda, etc. e *O Globo*, com o meu velho amigo e desembargador amazonense Guido Gomes de Souza, e uma cooperação escolhida. Do primeiro era também redator Júlio Nogueira; do segundo, Th. Vaz, o grande talento e grande boêmio.

Com saudades – nós todos que passamos pela imprensa temos destas coisas... – reví as coleções do *Diário de Notícias*, de que fui também redator-chefe em duas fases bem diversas. O *Diário de Notícias* foi um belo jornal, duma feitura artística cuidadosa e colaborado brilhantemente. Fez época. Todos os seus serviços, desde a instalação, eram completos. O corpo de colaboradores era luzido – Silvério Nery, Capitão de Mar e Guerra Baptista Franco, Eduardo Salamonde, Araripe Júnior (um dos colaboradores do Rio), Bertino de Miranda, Melo Rezende e, enfim, outros intelectuais de merecimento, Th. Vaz, Pedro do Rego, Barão de Sant’Anna Nery, Jonas da Silva, Amaro Bezerra, Alberto Rangel, Porfírio Nogueira, Manuel de Bittencourt, etc, etc. A redação era minha, de Júlio Nogueira e João Baptista e, na primeira época, também de Thaumaturgo Vaz, o maior boêmio do Norte, o nosso Paula Ney.

Fazíamos o jornal à vontade, sem peias partidárias e até sem preocupações financeiras! Dia a dia a renda do balcão aumentava e assim tínhamos elementos para dar ao público uma bela gazeta. O *Diário de Notícias* tinha crônicas em francês, italiano, inglês e espanhol... e até em latim! Era a folha querida das colônias estrangeiras.

Havia a coleção completa do órgão do Partido Republicano Federal, o “Amazonas”, de que fui colaborador desde o primeiro número da última fase.

O Estado teve revistas teatrais de que quase sempre fui colaborador. Outra velha mania, a do teatro... Ainda no último ano havia uma gazeta, *O Teatro*, a que já me referi, de propriedade do Dr. Luiz de Albuquerque e César Silva e que fui redator com Alcides Bahia, Th. Vaz e outros. Nesse ano de 1907, fundei para



a estação lírica francesa uma revista – *A Platéia*, de minha direção. Saíram 11 números, durante a excelente temporada de ópera lírica.

É cedo para serem escritas as fases diversas do jornalismo amazonense, na época mais moderna.

Tenho notas guardadas, muitos apontamentos, casos de uma psicologia adorável, situações políticas melindrosas e algo interessantes, fatos de um ridículo inacreditável ou de um humorismo esfuziante... Um dia é possível que tudo isso seja publicado. Já no tempo de Shakespeare havia um conhecido provérbio – *totus mundus agit bistrionem*.

Fundi no Amazonas os grandes jornais diários “O Rio Negro”, “O Diário de Notícias”. “O Globo” e “Folha do Amazonas”, que tiveram a sua época. Fui redator-chefe ou diretor, ou redator, de outros grandes jornais diários – o “Amazonas Commercial”, “A Federação”, o “Amazonas”, o “Estado do Amazonas”. Fui colaborador, outrora, do “Jornal do Comercio” e, presentemente, colaboro n’ “O Jornal”, de Manaus, folha bem feita e de vasta circulação.

Também dirigi algumas revistas, inclusive a da “Academia Amazonense de Letras”.

Lembro-me que trouxe desse dia em que passei a manusear jornais e revistas amazonenses, uma grande saudade. Creio que me senti mais velho, eu que ao jornal consagrei quase toda a minha mocidade. Parece que ali estava, além do meu espírito de combatente, parte da minha alma e parte do meu coração...¹

Nota

¹ Foi mantida a grafia original.

